



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO

DENISE LOPES DA SILVA

A vida em panos, linhas e agulhas:

histórias das costureiras do Sindicato Rural de Cavalcante na cidade de
Cavalcante - Goiás

BRASÍLIA - DF

2023

Denise Silva Lopes

A vida em panos, linhas e agulhas:

histórias das costureiras do Sindicato Rural de Cavalcante na cidade de
Cavalcante - Goiás

Monografia apresentada ao Curso de *Licenciatura em Educação do Campo*, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dra. Juliana Rochet
(FUP/UnB)

BRASÍLIA – DF
2023

DENISE SILVA LOPES

Data de Aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dra. Juliana

Rochet (Presidente)

Universidade de Brasília – UnB/FUP

Prof. Dr. Felipe Canova (Membro)

Universidade de Brasília –

UnB/FUP

Profª. Drª. Joelma Rodrigues

(Membro) Universidade de Brasília –

UnB/FUP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Victor Lopes da Silva e Júlia Valentine Machado, aos meus onze irmãos e, por fim, à minha amiga, Thaynã Jhesica da Silva.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, tenho de agradecer a minha orientadora. Sem sua assistência e envolvimento dedicado em todas as etapas do processo, este projeto nunca teria sido realizado. Gostaria também de agradecer aos membros da banca examinadora.

Ao longo de todo meu percurso eu tive o privilégio de trabalhar com os melhores professores que, em cada etapa, com paciência e dedicação, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Meu agradecimento a esta instituição, Faculdade UnB Planaltina (Universidade de Brasília), por ter me proporcionado a estrutura necessária para que pudesse crescer academicamente e pessoalmente; por ter mudado minha maneira de pensar e de agir, me estimulando a ver o mundo de maneira crítica; e, principalmente, por ter me proporcionado agregar pessoas maravilhosas à minha trajetória. À minha amiga, Thaynã Jhesica, minha gratidão.

“Deus tem muito mais
para dar do que o diabo
para roubar!”
(Natalie Lamour)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo conhecer as histórias das costureiras do Sindicato Rural de Cavalcante na cidade de Cavalcante de Goiás, reunindo as narrativas de vida de cada artesã, os objetivos de vida, as memórias e a identidade que elas foram tecendo no decorrer dos anos e das gerações. No que diz respeito à metodologia da pesquisa, utilizou-se o método qualitativo, fundamentado no registro das histórias de vida por meio de conversas individuais e em grupo, gravadas por meio de áudio e vídeo, e em entrevistas semiestruturadas individuais. Espera-se que esse trabalho possa contribuir com a compreensão e valorização da prática educativa e histórica da comunidade relacionada à costura. A pesquisa foi baseada nos estudos de Gil (2010), Creswell (2007), Novais (2016), entre outros. Assim, por meio desse trabalho monográfico, pode-se dizer que a partir da costura é possível subsidiar financeiramente a família, construir vínculos e tecer histórias.

Palavras-chaves: História de Vida, Costura, Memória.

Lista de siglas

Sindicato Rural de Cavalcante de Goiás – SRC

Licenciatura em Educação do Campo – LedoC

Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Sobre o estudo.....	10
1.2. Sobre minhas memórias: quando a costura se encontrou comigo no alinhavo da vida.....	13
CAPÍTULO 1: TECENDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	21
1.1. Caracterização da pesquisa.....	21
1.2. As interlocutoras da pesquisa.....	22
1.3. A entrevista semiestruturada.....	24
1.4. Análise dos dados.....	25
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO.....	26
2.1. A Costura.....	26
2.2. A costura e o ambiente rural.....	28
2.3. A mulher como protagonista.....	30
CAPÍTULO 3: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXOS.....	40

INTRODUÇÃO

1.1. Sobre o estudo

Este trabalho monográfico consiste conhecer e registrar algumas memórias e histórias de artesãs que praticam a costura na comunidade de Cavalcante na cidade de Cavalcante Goiás.

O objetivo específico foi caracterizar, a partir das narrativas das mulheres que fazem parte do Sindicato Rural de Cavalcante (SRC), as vivências com a costura, o contexto de vida, as gerações, as conquistas e os motivos que as levaram até aquele espaço. Com isso, buscou-se visibilizar um saber-fazer tão antigo quanto pouco valorizado, fonte de identidade e sustento para muitas mulheres da comunidade de Cavalcante de Goiás.

O Sindicato Rural de Cavalcante, fundado em 1979, é uma entidade de classe representante dos Produtores Rurais de Cavalcante no estado Goiás que tem como finalidade defender os direitos dos trabalhadores do campo, independentemente do tamanho da propriedade ou do ramo de atividade de cada um, seja lavoura, apicultura, pecuária, extrativismo vegetal, pesca ou artesanato.

Sob a presidência de Rosa Maria da Silva Machado, o trabalho do sindicato foi reestruturado a partir do ano de 2013, com a oferta de vários cursos de capacitação como confeitaria e panificação rural, processamento caseiro dos frutos do cerrado, produção caseira de alimentos, artesanato com tecido, corte e costura, bijuterias, entre outros.

Cavalcante é o 3º maior município do Estado de Goiás em extensão territorial, mas possui fatores que desfavorecem a produção rural, o maior deles é a falta de estradas. Muitas vezes, as famílias têm a terra e condição de produzir, mas não encontra formas de escoar a produção. Por isso, a oferta de cursos capazes de capacitar famílias de trabalhadores do campo para atuarem na ampliação da geração de renda familiar é tão importante.

Apenas sob a presidência de uma mulher – filha de mãe camponesa e costureira, que teve 12 filhos, criada em meio às costuras e retalhos –, o

Sindicato Rural de Cavalcante lançou esse olhar para as mulheres costureiras do campo, tornando possível independência e autonomia na vida dessas pessoas.

Pensando nas mulheres do campo que trabalham com artesanato e não têm treinamentos e técnicas de costura, o Sindicato, em parceria com o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) Goiás, oferecem treinamentos e novas técnicas de artesanato para as mulheres do campo. Dionísia, 56 anos, educanda do curso diz que “aprendi a costurar na mão com minha mãe, mas queria aprender na máquina, um dia eu compro uma máquina e hoje o sindicato me ensina”.

A presidente do Sindicato, conhecida como D. Rosa, idealizadora do projeto corte e costura, me convidou para dar um treinamento para algumas mulheres da comunidade que fazem parte do SRC que já sabiam costura, porém precisavam conhecer as máquinas, ter um suporte para vender os produtos, em especial bolsas de tecido. E assim eu aceitei o desafio e dei o meu primeiro treinamento de costura para as mulheres do campo, mudando a minha vida e a delas também.

O trabalho foi bem-sucedido, vieram mulheres de várias comunidades para aprender novas técnicas, me vi rodeada de sábias. Os encontros eram momentos sociais, culturais e terapêuticos.

Diante disso, vi a possibilidade de trabalhar com as artesãs de forma produtiva, colocando na práxis o conceito da Educação do Campo, que tem como característica motivar e instigar os educandos a participarem das ações comunitárias para se sentirem partes do processo de aprendizagem, de emancipação e de autoconhecimento a partir da vivência de cada uma.

O espaço para as confecções e máquinas apropriadas para a confecção dos materiais é essencial. As artesãs produzem panos de prato, toalhas e fazem conserto de roupas. No sindicato há espaço físico e professores qualificados para aprenderem técnicas de costura e manuseio de máquinas. O Serviço de Aprendizado Rural (SENAR) de Goiás também disponibiliza instrutores para o treinamento no Sindicato Rural de Cavalcante.

Atualmente, o sindicato disponibiliza curso de bolsas de tecido (o embornal), sendo a matéria prima de baixo custo e fácil acesso a todos, uma vez que usa retalhos e tecidos usados. O embornal, conhecido também como “capangas” é uma sacola rústica de algodão, normalmente com um tirante para o peito, onde os camponeses/agricultores levam de tudo. São uma espécie de “patrimônio cultural da comunidade”, gerando lucro e renda para as artesãs.

A pesquisa se justifica e torna-se relevante na medida em que discute o papel da costura na vida das mulheres que participaram do curso, que viram nessa oportunidade de capacitação, uma forma de complementar sua renda familiar, ter novas interações e troca de saberes, tecendo histórias e alterando vidas.

Para o sociólogo Durkheim (2004) “o indivíduo só poderá agir na medida em que aprender a conhecer o contexto em que está inserido, a saber quais são suas origens e as condições de que depende. E não poderá sabê-la sem ir à escola...”.

Diante do exposto, esta monografia se constitui em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro, tratamos da metodologia utilizada para a pesquisa. No segundo, apresentamos o referencial teórico utilizado para compreender as práticas de costura por meio das narrativas das mulheres entrevistadas. Por fim, o terceiro capítulo apresenta uma discussão dessas narrativas.

Turma de estudantes (SRC/SENAR/GO)



Fonte: Denise Lopes, 2022

Dionísia - aluna do curso de costura



Fonte: Denise Lopes, 2022

1.2. Sobre minhas memórias: quando a costura se encontrou comigo no alinhavo da vida

Minha memória se inicia seguindo um olhar infanto-juvenil, onde os rios são maiores e as emoções são impactantes. Em alguns aspectos impressiona-me mais hoje, pois fui criada em um meio cultural onde o trabalho excessivo era normal, não tínhamos muito tempo para pensarmos e nos rebelarmos, pois isso era desobediência, “a mãe falava água parava”.

Sou filha de Dona Marlene, como irei me referir, pois toda a comunidade lhe chamava assim. D. Marlene teve uma vida muito sofrida, se casou aos 16 anos para poder sair da casa de seus pais. Ela nos dizia que aprendeu a cozinhar aos 9 anos de idade, aos 12 já era quitandeira e ajudava a avó nos partos das redondezas.

O pai dela não gostava da sua cor, a chamava de "cafuzza", mistura de negro com indígena, de forma pejorativa. Mãe, muito judiada por sua cor, por sua personalidade dita “arredia” (difícil de manter na rédea como um animal brabo) e sua aparência diferente dos irmãos sofreu violência física e simbólica pelos pais, a ponto de se casar tão jovem para sair daquele ambiente.

Como seus pais não lhe ajudaram com o enxoval, ela costurou sozinha toda sua roupa de cama, toalhas e seu vestido de casamento. Para tanto, utilizou

panos de saco, em que vinham embalados o açúcar, o trigo e araruta¹. As mercearias vendiam esses produtos no litro ou no quilograma, embalados em sacos de pano.

Roupas feitas de saco de açúcar antigamente no contexto europeu



Fonte: Bing images

Meus pais se casaram e foram morar em uma região de difícil acesso aos familiares dela, em Cavalcante. Construíram uma família, na roça minha mãe teve 15 filhos, 12 deles vivos. Eu sou a 11° de seus filhos.

¹ A **Araruta** é uma planta medicinal, também conhecida como maranta, com origem na América do Sul, que muito usada na forma do polvilho.

Pai e mãe da autora deste TCC



Fonte: desconhecido.

Como reflexão de tudo que minha mãe passou, D. Marlene era caridosa, mas muitas vezes não sabia demonstrar amor, talvez por sua origem e condições de vida. Segunda ela, foi o meu pai quem lhe ensinou ser mais afetuosa, embora mantivesse a característica de uma personalidade endurecida.

Dos 12 filhos que tiveram, 7 são homens e 5 mulheres. As mulheres são mulheres fortes e guerreiras. Criadas para se casarem, a mãe ensinava desde cedo a cozinhar, costurar, como cuidar dos filhos e da casa: deixava claro que esse seria nosso destino, que tínhamos que ser úteis, senão não conseguiríamos nos casar.

D. Marlene teve dez filhos na roça. Quando estava grávida de mim, ela teve complicações e foi retirada de Cavalcante com cinco meses de gestação para ficar na casa de uma conhecida em Brasília sob acompanhamento médico. Para não ficar parada, lá ela fez um curso de corte e costura na Casa do Candango. Quando eu nasci, minha mãe já era costureira profissional, quanta determinação e guerra.

Ela começou então a reproduzir o conhecimento na comunidade de Cavalcante-GO, onde muitas mulheres aprenderam a costurar com ela. Além

de

parteira, ela ensinava as mulheres das comunidades a fazerem roupas para seus filhos.

Diferente de meus irmãos, eu nasci anêmica, minha mãe dizia que eu escapei às custas de remédio da roça. Cresci com o raciocínio considerado mais lento do que das outras crianças; tinham que falar mais de uma vez para eu entender. Minha mãe não tinha paciência de lidar com uma filha com essas características, a forma que ela foi criada não lhe ajudou a ser afetuosa, então muitas vezes ela reproduzia os estereótipos que lhe haviam sido ensinados. Com o pensamento de que eu pouco poderia alcançar em minha vida, minha mãe se dedicou a me ensinar a costurar, pintar tecido, bordar, cozinhar e a ser uma boa esposa.

Naquele momento, não sabíamos que minha falta de coordenação motora e dislexia, ninguém entendia por que eu tinha 15 anos e não sabia ler. Todos os outros filhos de D. Marlene eram tidos como espertos, terminaram o ensino médio, o que motivo era orgulho, pois ela só sabia ler e escrever porque havia aprendido escondida do seu pai.

A costura me ensinou muito além de cruzar a linha, o ponto cruz me ensinou a contar o espaçamento, a organizar e a sonhar. Molhar a horta às 5 horas da manhã ensinou-me a olhar as horas, a cozinha me deu agilidade dentro de casa e me tornei menos desastrada.

Eu sonhava enquanto costurava, sonhava em aprender a ler e ir embora, tudo que mamãe me ensinou como um treinamento para ser útil para alguém no casamento estava me despertando para algo a mais, mais do que uma vida de dona de casa que pudesse repetir todo o processo que ela vivera até ali.

Quando minha mãe faleceu, com 58 anos, eu tinha 18 anos e minha irmã 16. Ela me disse: “vai embora com sua irmã e não se case com ninguém daqui, porque senão vocês não vão conhecer o mundo dos livros”. Não tínhamos televisão, então pegávamos livros emprestados para lermos. Minha mãe sonhava com o mundo dos livros e na maturidade nos ensinou a sonhar também.

Aos 23 anos eu tinha terminado o ensino médio, estava morando na casa de uns conhecidos em Taguatinga DF. Eu fazia faxina na casa dos outros

para

sustentar a mim e a minha irmã. Nessa época, achei que eu tinha que me casar, eu tinha sido criada para isso, e me casei.

Virei mãe solteira quando meu filho tinha 2 anos de idade apenas. Sozinha não havia como levá-lo para as faxinas, abandoná-lo não era opção. No decorrer dos dias conheci uma costureira de uma confecção do Polo de Modas Guará 2, ela me deixava levar meu filho para a confecção, lá eu o colocava em uma caixa de papelão e ele ficava enquanto eu costurava. Filho, como te amo.

Coloquei ele em uma creche pública onde ficava o dia todo, eu o deixava às 7 horas da manhã e o buscava às 17 horas. Comecei a trabalhar à noite costurando em dois turnos. Um dos turnos durante o dia e outro a noite. Às 7 da manhã deixava meu filho na creche, eu costurava das 8h até às 17hs, buscava o meu filho, Víctor, na creche, voltava para a confecção, dava jantar para ele, o colocava para dormir e iniciava outro turno das 19h até às 2 horas da manhã. Dormíamos em um colchão no chão da confecção.

Em meio a alguns exames em meu filho, ele foi diagnosticado com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) de espectro altíssimo, momento em que o médico me pediu para eu fizesse exames também, para verificar se havia componentes genéticos.

Meu filho já tinha 5 anos na época, eu fiz os exames neurológicos e descobri que eu tinha dislexia. Nesse momento então eu sonhei em fazer faculdade, por ler muito pensei em fazer história, mas não passei, então descobri a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília e consegui ingressar no curso.

Em 2018, eu já era ledoquiana e retornei para Cavalcante-GO. A presidente do Sindicato Rural da cidade me convidou para iniciarmos os projetos com as costureiras das comunidades. Assim, diariamente ajudo a tecer linhas, histórias e memórias.

Filhos da Dona Marlene



Fonte: Denise Lopes

COSTUREIRA

Com a máquina de costura, minha alegria é pura
E no ateliê a profissional é você
Atende com atenção, faz sua anotação

Tira a medida, faz experimento, mostra seu talento com o tecido no seu
comprimento

A matéria prima é variada
A fazenda pode ser lisa ou estampada
E para fechar, tenho opção
Pode ser zíper, velcro ou botão

Não importa se é vestido ou
terninho Meu trabalho é feito com
carinho Não importa se é shorts ou
bermuda A qualidade nunca muda

Suas ideias são criativas
Com uma roupa nova, sua cliente é uma diva
As ideias estão contigo
Cria o novo, reforma o antigo
Estende o tecido, cria um novo vestido
Longo ou curto, se está na moda, parece um surto

A estampa pouco importa, vê se se comporta
Prefiro as alegres com cores ou estampada com flores

A roupa nova é um sonho
Deixa que o traje eu
componho Se a cliente foi bem
atendida Fica feliz da vida

No verão ou em uma noite fria
É claro que ela voltaria

Pois o que ela busca é alegria

A mulher moderna quer roupa exclusiva, pois é
ativa Quer desfilas na alameda, não importa o tecido
Pode ser até seda

Quando estou bem arrumada, eu fico calma
Alegra a minha alma, e as pessoas hão de bater palma
E eu que sou a costureira
Ei de vê-la
Verdadeira estrela

Carlos Alberto Pio

CAPÍTULO 1: TECENDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo aborda a metodologia de pesquisa utilizada como base na construção do estudo, descrevendo os instrumentos de coleta de dados e os processos para análise.

1.1. Caracterização da pesquisa

Este projeto de pesquisa, de natureza qualitativa, visa analisar as histórias e a importância da costura na vida de diversas mulheres buscam geração de renda e maior qualidade de vida através da costura. Esse tipo de pesquisa é explicado por Gil (2010, p. 10) da seguinte maneira:

A pesquisa exploratória tem como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Estas pesquisas são as que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, constitui o tipo mais complexo e delicado de pesquisa, já que o risco de cometer erros eleva-se consideravelmente.

A pesquisa exploratória foi feita com o objetivo de conhecer as mulheres artesãs que construíram e reconstruíram suas vidas a partir da costura, a pesquisa é resultante da entrevista, via vídeo e conversa, no qual foi possível coletar e analisar os dados.

Toda a pesquisa tem como finalidade retratar a realidade pesquisada. Nesse sentido, a pesquisa exploratória é realizada como forma de conectar as ideias e os objetivos estudados, de modo a compreender como a costura se conecta com as histórias de vida das mulheres.

Segundo Creswell (2007, p. 46):

Na pesquisa qualitativa, os investigadores usam a literatura de maneira consistente com as suposições de aprendizado do participante, e não para prescrever as questões que precisam ser respondidas sob o ponto de vista do pesquisador. Uma das principais razões para conduzir um estudo qualitativo é que o estudo é exploratório. Isso significa que ainda não foi escrita muita coisa sobre o tópico ou sobre a população em estudo, e o pesquisador tenta ouvir os participantes e construir um entendimento baseado nas ideias deles.

1.2. As interlocutoras da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com um grupo de alunas de corte e costura que fazem parte do projeto social do Sindicato Rural de Cavalcante Goiás. Esse grupo é composto por mulheres que estão realizando o curso de aperfeiçoamento de costura com máquinas. Atualmente estão matriculados 15 estudantes, porém a pesquisa será realizada com um recorte de três artesãs, tomadas como interlocutoras-chave.

A metodologia nessa pesquisa, se caracteriza com a visão e estudos de Minayo (2007, p. 14-16), que se revela entre o pensamento e a prática intermediada pela realidade, onde estão presentes o método, as técnicas e as 3 subjetividades do entrevistador, como “a experiência, a capacidade pessoal e a sensibilidade” (MINAYO, 2007, p. 17). Minayo entende a pesquisa, realizada dessa forma, como subsídio para o ensino que dinamiza a realidade mundial, porque “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”

Foram realizadas três conversas em formato de vídeo, pois as mulheres são analfabetas, realizadas nas residências dessas costureiras, com o objetivo que elas se sentissem à vontade.

Nesse momento, apresento as três interlocutoras-chaves desta pesquisa: as senhoras Dionísia, Creuza e Doralice Cesária.

Dionísia, 56 anos de idade, moradora da comunidade rural de Cavalcante Goiás, relata que sempre sonhou em ter uma máquina. “Quando consegui plantar 1 litro de feijão esse rendeu e consegui vender, com a venda do feijão, comprei um porco, fiz toucinho e banha, comecei a vender banha e toucinho com o dinheiro comprei um bezerro, engordei o bezerro, vendi e comprei a máquina”.

Cada conquista veio com muita luta e persistência, lembra Dionísia, que chora ao lembrar os momentos e as coisas que abriu mão para comprar a máquina: “todos me chamavam de doida, pois plantei feijão, vendi meu porco e bezerro para ter a máquina, e precisando de comida dentro de casa, mas eu queria tanto a minha maquina e consegui.”

Creuza, de 62 anos, moradora de Cavalcante diz que “com a minha costura arrumei minha casa, com o curso tenho uma renda, compro comida e tudo é a minha costura, só tenho que agradecer a Deus pelo meu trabalho que

é a costura, o curso no Sindicato foi tudo para mim.” Dona Creuza conquistou sua casa, alimentos e a criação dos filhos com a costura, não tinha nada “certinho”, conseguia aqui e ali às coisas:

Quando comecei a costurar fui juntando dinheiro, comprando uma comidinha, um sapato e até trocava, costurava uma bainha, uma saia em troca de um sapato para meus meninos. Juntei o dinheiro aos pouquinhos comprei os tijolos, ‘teia’ e fui fazendo minha casinha, meu “fi” foi estudar e assim foi a vida; no SENAR, foi ficando mais bonito e profissional que me ajudou de uns tempo para cá, me ensinou algumas coisas e melhorou a venda e o dinheiro.

Doralice Cesaria, moradora de Cavalcante, comentou

Eu comecei a sentir o gosto pela costura com a minha avó, ela costurava com a máquina de mão, pega roupas de fora e ajudava com as coisas de casa, depois passou para a minha mãe, mas ela não tinha o corte e costura, eu fiz o curso de corte e costura, mas não aprendi porque não tinha máquina, agora fiz o curso de corte e costura no Sindicato, e eu gosto muito. Esse artesanato que eu faço, me ajuda muito, eu tenho uma depressão e tristeza muito grande em meu peito, eu tive muitas perdas, meu filho que caiu de cavalo e morreu, uma dor que não passa; perdi um sobrinho, minha sobrinha e depois uma neta, tantas pessoas se foram. Doi muito e não tem o que fazer, eu só chorava no quarto, na sala, não queria mais viver, só chorar e a costura me ajuda um pouco, na máquina o tempo passa e passa, melhorou um pouco a dor, o médico disse que ajuda á sair do estresse.

Doralice - aluna do curso de costura

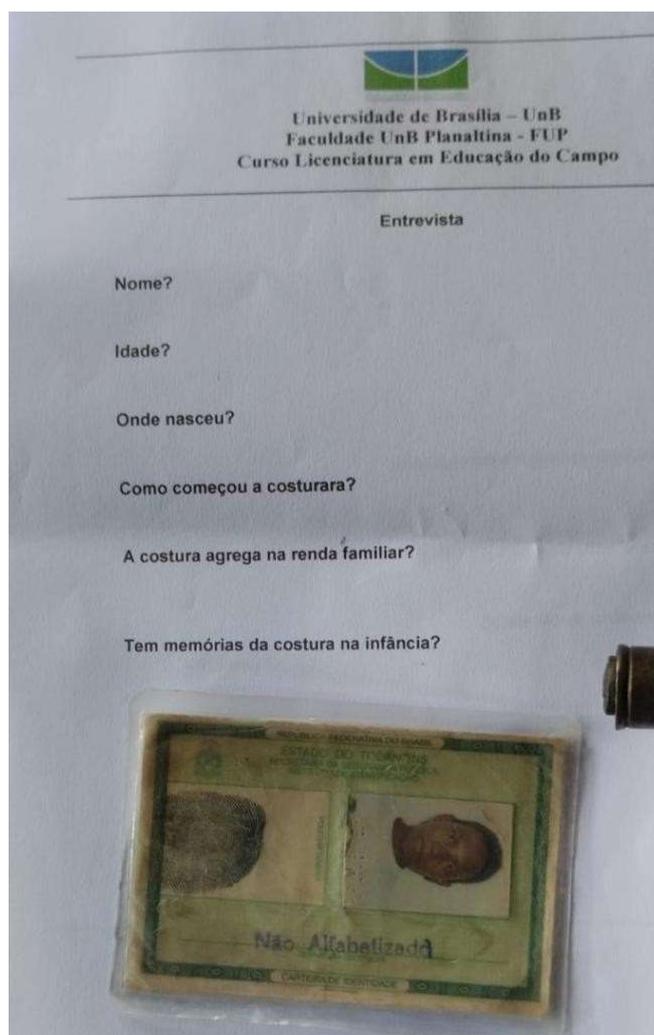


Fonte: Denise Lopes

1.3. A entrevista semiestruturada

No tocante aos instrumentos de coleta dos dados, foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevistas mediante consentimento das interlocutoras do estudo, que incluía as seguintes questões:

- Nome;
- Idade;
- Onde nasceu;
- Como começou a costurar;
- Como a costura agrega à renda familiar;
- Memórias da costura na infância.



Fonte: Denise Lopes

Com o auxílio de uma câmera de telefone celular foi possível gravar as entrevistas, feitas a partir de perguntas sobre a vivência de cada uma, sua história até ali, como começou e o que motivou o trabalho com a costura, as dificuldades de vida e as histórias de superação. No decorrer das conversas muitas lembranças boas e não tão boas foram revividas, explorando o sentimento que ali estavam.

Para Gil (1999, p. 120), na entrevista semiestruturada “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. A entrevista semiestruturada consiste em um modelo de entrevista flexível. Possui um roteiro previamente construído, mas com espaço para o entrevistador fazer perguntas de aprofundamento, de forma a gerar um diálogo e uma troca entre o entrevistador e o entrevistado.

O roteiro de perguntas foi aplicado de forma livre, houve momentos no Sindicato Rural e outros na residência das artesãs, com uma abordagem delicada, com o objetivo de catalisar os resultados da conversa e conhecer o vínculo das mulheres com a costura, evidenciando suas memórias.

1.4. Análise dos dados

“O processo de análise de dados consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem” (CRESWELL, 2007, p.194). A interpretação das conversas foi feita pela pesquisadora, que buscou a todo momento costurar os relatos de vida com o contexto de sua produção e circulação.

CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A Costura

A costura é uma arte presente na história há mais de 20 mil anos. De forma rudimentar, o homem primitivo costurava com agulhas feitas de ossos e chifres de animais. O objetivo era manter-se protegido das intempéries e trazer um pouco mais de conforto para a vida cotidiana. Nossos antepassados aprenderam a trançar e enredar fios feitos de pelos de animais.

No decorrer do tempo, muita coisa mudou. A costura de roupas é considerada uma tarefa feminina, atravessada pelos dispositivos de gênero, raça e classe, desde o início das sociedades patriarcais. Como muitos saberes femininos, a costura à mão, o tear e o bordado eram compartilhados entre as mulheres de geração em geração, uma arte que se perpetuava entre elas de forma muitas vezes invisível.

Ao longo da evolução humana, as roupas deixaram de ser algo apenas para a proteção, para passarem a ser também um símbolo de status e posição social. Para Novais (2016), o trabalho da costura assumiu diferentes formas de organização, de acordo com o contexto sócio-histórico em que esteve inserido. Até o início da Idade Média, a terra era o principal meio de produção, sendo a agricultura a principal atividade desenvolvida.

A história é um processo social, no qual a atividade e o trabalho agem para o meio social, a atividade humana constrói o ser humano, que é constituído pelas ações que o determinam. Para (BERGER; LUCKMANN, 2006; CUNHA, 2010; RORIZ, 2010). O ser humano se socializa por meio de suas funções, de suas atividades do trabalho, transforma seus ambientes e por eles – trabalho e ambiente – é transformado, estabelecendo-se, assim, uma relação dialética com a sua própria existência. Dessa forma, se socializa e transforma os seus ambientes.

No Egito Antigo, as roupas eram artigos destinados aos mais ricos, que usavam vestes de linho com amarrações no corpo e pouquíssima costura. Entre os povos da Pérsia, há os primeiros registros conhecidos de roupas feitas sob

medida, reformadas e ajustadas, além de sapatos de couro com amarrações, peças com mangas e outros detalhes adicionados através do corte e da costura de tecidos como lã, linho e a seda vinda da China (AUDACES).

Na Grécia Antiga, o trabalho com fios e tecidos já estava inserido no contexto doméstico das mulheres, que produziam tecidos de lã, seda e linho, unidos em formato de cilindro logo no tear para serem usados como vestes franzidas e a cinturadas por cordões, botões e alfinetes. O corte e a costura, de fato, não existiram na Grécia Antiga até o século IV, quando as vestes passaram a ter mais de uma peça, muitas vezes com mangas.

No século XVIII, com a revolução industrial, a introdução de uma produção em larga escala fez surgir novas tecnologias, inclusive no setor têxtil. É neste período que acompanhamos o surgimento das primeiras máquinas de costura, que vieram revolucionar a história da moda.

A partir da Idade Média, as roupas ficaram mais elaboradas, com mangas, barras e bordados. Há uma evolução das túnicas para os vestidos para as mulheres, que começam a ter também função estética, além da proteção do corpo. Certos tecidos e cores tinham uso restrito por lei, uma forma de diferenciar nobres e plebeus (AUDACES).

Com essa diferenciação estética e com a ascensão das classes comerciais, surgiu a necessidade de criar roupas especialmente para a burguesia, gerando uma alta demanda aos costureiros na época. Entre os mais ricos era comum contratar alfaiates e costureiras particulares para a confecção de roupas, um artigo caro e que representava o luxo e a riqueza de quem as vestia.

Nas classes mais baixas, as roupas eram remendadas, ajustadas, ou mesmo desmontadas e recosturadas do avesso para esconder o desbotamento do tecido. Eram as mulheres que consertavam e faziam ajustes nas roupas em suas casas, uma atividade possível de ser realizada em casa ao mesmo tempo em que se cuidava da casa e dos filhos.

2.2. A costura e o ambiente rural

De acordo com as narrativas das interlocutoras da pesquisa, pode-se dizer que a costura na comunidade de Cavalcante Goiás é transmitida de geração em geração, e veio se intensificando nos últimos anos, proporcionando um advento na economia local e expandindo as artes produzidas pelas artesãs.



Fonte: Brasil de Fato.

Segundo a costureira local, D. Doralice, moradora da comunidade e participante do sindicato: “aprendi a ter o gosto pela costura com a minha avó, depois a minha mãe, que costurava para ajudar na despesa da casa”.

Lopes (2007), afirma que no caso da chamada agricultura familiar, particularmente, é preciso verificar, com base em dados empíricos, se as ocupações em atividades não-agrícolas pelo chefe e/ou membros da família indicam a perda progressiva de sua condição e identidade de agricultores, ou se, na realidade, configuram estratégias de sobrevivência para sua permanência no campo e na área rural.

A cada dia novas formas de trabalho são encontradas pelas famílias rurais, em busca de complemento de renda, ou até mesmo como única fonte de rendimento, já que a atividade agrícola não tem sido o suficiente, principalmente pela seca que assola os últimos anos.

O ambiente rural tem sofrido uma série de mudanças estruturais resultantes fundamentalmente do processo de urbanização que se estende e penetra em áreas significativas. Segundo o autor essas influências da urbanização, no entanto, não se generalizam e não são apropriadas da mesma maneira pelas diferentes localidades e comunidades. Pelo contrário, todos esses processos compreendem uma série de modalidades advindas de diferentes relações estabelecidas entre a tradição e a modernização. Neste sentido, nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenômenos urbanos. Existe uma inter-relação constante que depende dos contextos sociais. (CARMO, 2009, p. 56)

Os aspectos econômicos e culturais do meio rural que dependem da costura entrelaçam o modo de reprodução da vida material e simbólica da comunidade, derrubando as barreiras entre campo e cidade e ultrapassando as fronteiras, sendo fundamental para a economia local.

A costura, assim como os demais trabalhos de artesãos, utiliza de um instrumento de ligação entre pessoas, com o objetivo transmitir a cultura de uma comunidade, histórias de vida, sentimentos e sonhos. Ela está relacionada à sociedade e à realidade. Tecer um material é o reflexo das relações entre o artesão e a obra, carregadas de sentidos. Através das peças produzidas, a costureira transmite suas ideias ao mundo, levando ao consumidor seus pensamentos, conceitos e senso estético, sendo essencial para o processo de transformação social e política.

Segundo Antônio Candido (1972), a literatura tem como princípios humanizar, pois está diretamente ligada à formação humana. Ela contribui para a formação da personalidade e gera conhecimento do mundo de forma libertária. Não diferente do posicionamento de Antônio Candido, compreendo que a costura, a cor da linha, o formato da peça transmite a personalidade de quem fez e quem adquiriu o produto final.

A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas da satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo, surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isso cominou de certo modo nas formas impressas, divulgados pelo livro e folhetos, um jornal, a revista. (CÂNDIDO, 1972, p. 804)

Assim, o reflexo da costura exerce um papel fundamental na vida, nas relações e interações humanas, desenvolvendo um contexto de aprendizagem e de trocas sociais.

Segundo Kleiman (2004, p.10):

(...) consideramos uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Em sua dimensão material, as artes, a costura, uma bolsa ou uma toalha podem ser considerados textos que trazem em seu contexto informações relevantes vinculadas ao contexto social de produção e reprodução.

2.3. A mulher como protagonista

Em 1995, a Organização das Nações Unidas (ONU), estabeleceu que no dia 15 de outubro é comemorado o Dia Internacional da Mulher Rural, ressaltando importância da participação da mulher no campo, em todas as etapas da cadeia de serviços.

No decorrer dos últimos anos, o número de mulheres inseridas no mercado de trabalho cresceu, inclusive nas comunidades locais, onde muitas delas têm que trabalhar também fora dos roçados e da casa para compor a renda familiar, desempenhando trabalhos de manicure e costura. “Depois de passar fome comecei a vender minha costura para comprar comida”, Doralice diz com os olhos lacrimejando lembrando de sua história.

Para Djamila Ribeiro (2017, p. 112) a mulher é vista como “o outro”, o oposto do homem, considerado a referência-padrão. Djamila dialoga com Simone Beauvoir ao problematizar a mulher enquanto o “outro” a partir do olhar masculino, criando uma relação subjugada e hierarquizada: a mulher pensada enquanto objeto que possui uma função, desconsidera as mulheres como pessoas, independentemente da construção patriarcal e colonizadora das funções de cuidado e de reprodução da vida cotidiana a elas delegadas nas

sociedades marcadas pelas profundas desigualdades econômicas e sociais e suas expressões em termos de gênero, raça e classe social.

“Meu marido não me deixava trabalhar, sair de casa, com muita luta ia para o curso e vendia meus trabalhos, comprei muitas coisinhas para mim”, lembra Dionísia.

Bolsas vendidas pelas artesãs



Fonte: Denise Lopes, 2022

Para Caldart (2010), qualquer movimento de transformação que aconteça em uma escola concreta terá como ponto de partida a escola já existente, com seus sujeitos concretos, suas contradições internas e suas problemáticas, movida de dentro para fora (educando e educadores) ou de fora para dentro (comunidade, governos, movimento social), sem essas contradições e problemáticas não há que transformar. Quando uma mulher se coloca em evidência e reclama ser a protagonista da sua história e da sua vida, ela maximiza as possibilidades de transformação em diferentes espaços e tempos educativos, como no curso de costura, em casa, no mercado, promovendo trocas e diálogos de saberes e experiências.

Educanda do curso de corte e costura do SRC



Fonte: Denise Lopes, 2022.

CAPÍTULO 3: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, analisamos os dados que foram coletados na pesquisa de campo por meio das entrevistas e observações.

Os dados foram coletados especificamente na turma de corte e costura do Sindicato Rural em Cavalcante Goiás. Na turma pesquisada, há quinze estudantes que participam das aulas, porém três alunas fizeram efetivamente parte da pesquisa.

O processo de ensino-aprendizagem é algo vivo, político e pedagógico, não apenas em sala de aula, mas em todos os espaços. O professor/orientador assume um papel muito importante na construção do conhecimento de seus alunos, sendo visto como um facilitador ou mediador desse conhecimento.

Cada costureira traz consigo uma bagagem de conhecimento durante o decorrer da trajetória, em sua memória na costura em cada contexto. O curso corte e costura pode tecer memórias, oportunidades e valorização do trabalho de cada uma, transformando e aprimorando o sistema reprodutivo da comunidade. Para Behrens (2005, p. 23):

Uma visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza.

Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros, acreditava que a educação era uma prática para a vida, ou seja, a liberdade como elemento-chave.

A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2005, p.90, grifo do autor).

A partir dessa ideia, faz-se necessário compreender a realidade de cada artesã e a inserção delas no projeto eliminem as barreiras impostas pela sociedade.

A análise das entrevistas com as costureiras teve como objetivo conhecer suas histórias e memórias, a importância do curso de corte e costura na vida de cada uma.

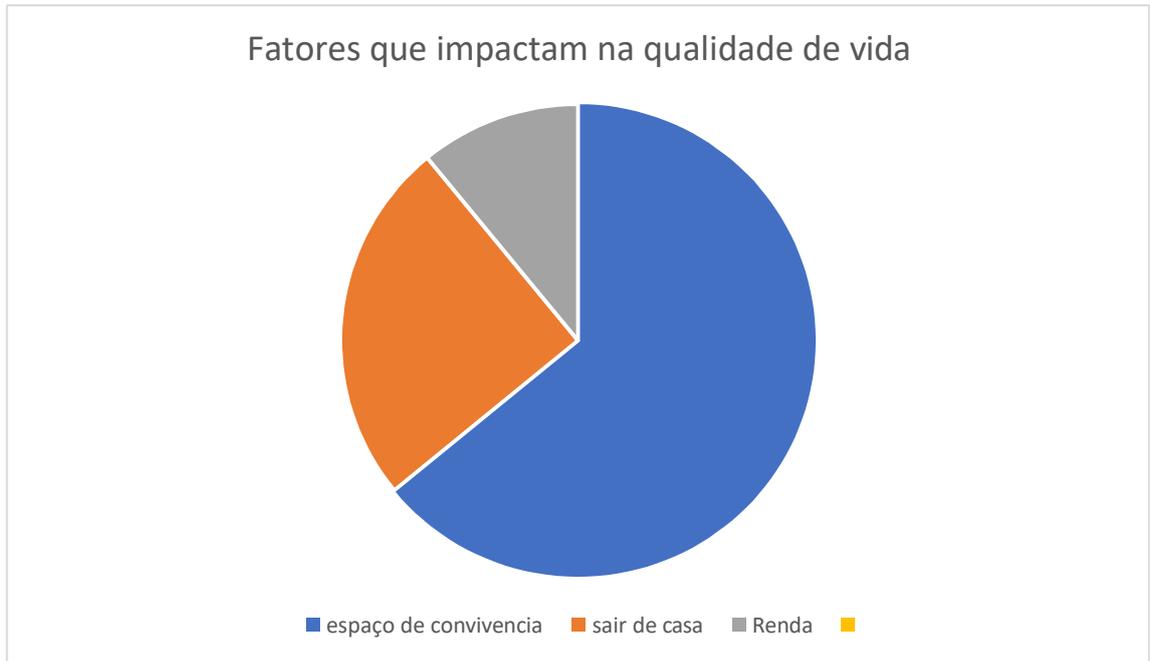
Foi utilizado durante as entrevistas uma câmera de celular, a ideia inicial era um questionário onde elas poderiam escrever com suas próprias palavras, mas muitas delas são analfabetas ou têm dificuldades em escrever. Para que pudessem ficar mais próximas e à vontade, a conversa gravada foi a melhor opção.

No decorrer das conversas, foi possível analisar que cada mulher tem sua particularidade, dor, sofrimento, angústia, história, amor, memória, perspectiva e sonhos, e ver a costura como fonte de vida: além de ajudar financeiramente em casa, muitas vezes a costura tira as artesãs da depressão e da solidão em que se encontram.

Em rodas de conversas durante as aulas de corte e costura, foi possível observar que algumas mulheres apresentavam sinais de depressão, mas o artesanato as amparou de alguma forma. “Uma das questões que as deixava triste e preocupada era a falta de um trabalho”, lembra Creuza.

Após o curso de corte e costura, muitas artesãs tiveram uma melhora significativa em sua qualidade de vida, pois nos espaços do curso há muita troca de experiências interpessoais, quando uma adoece outra artesã leva um chá, ou remédio caseiro, há a troca de mudas de plantas, linhas de costuras, ou seja, o espaço além de aprender é o momento de crescimento individual e coletivo por meio da reciprocidade.

Gráfico 1



Elaboração: Denise Lopes, 2023.

O gráfico acima é o resultado da pesquisa feita com as mulheres do curso de corte e costura: 9 mulheres disseram que o espaço de convivência com as pessoas e as conversas são fundamentais para continuar o processo de ensino aprendizagem. “Vim para cá me deixa feliz”, disse Dionísia. No decorrer da pesquisa, 4 mulheres disseram que “só de sair de casa já vê diferença no dia a dia” e 2 artesãs disseram que o mais importante é “ter a renda”.

Com a realização desta pesquisa, percebemos a importância de espaços de aprendizagem e troca de saberes vivos, espaços esses em que é possível construir novas perspectivas e oportunidade para uma vida de qualidade tanto no aspecto emocional quanto financeiro.

De acordo com Keller (2011), quando ocorre alguma mudança social, a identidade do trabalho que é feito manualmente pode ser modificada, porque depende de fatores econômico e cultural; ou seja: a costureira não faz uma peça para a cliente pensando apenas na beleza e em sua identidade, mas, também, em como será aceito no mercado e lhe trará lucro.

Para o paradigma marxista, a escola é parte da superestrutura, assim como o Estado e a família. Desse modo, a educação, os espaços de

aprendizagem são constituídos por características que muitas vezes propiciam a manutenção da hierarquia social, patriarcal e machista.

O curso de corte e costura quebra esse paradigma ao possibilitar a muitas mulheres, antes isoladas em seus espaços domésticos, possam estabelecer conexões afetivas, diálogo e trocas de experiências, gerando qualidade de vida e renda e certa autonomia nas relações familiares.

Realizar a pesquisa, analisar os dados, considero que o trabalho dentro do SENAR é desenvolvido em diferentes aspectos, social, emocional, financeiro e humano. Realizado e executado da melhor maneira possível por todas as costureiras, mas há conciliações diferentes entre elas, com abraços, choro, lembranças e dor que cada uma viveu até ali. Os trabalhos e a costura dessas mulheres seguem de maneira diferente e muitos com os mesmos objetivos criar os filhos, curar uma ferida no peito e ajudar na renda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desta pesquisa, e por meio das análises, é interessante ressaltar que a costura é um processo humano e solidário, que envolve histórias, memórias e ressignifica vidas.

Por meio da pesquisa pode-se concluir que a costura, além de gerar fonte de renda, tece uma vida nova, quando mulheres, mães e esposas conseguem se reerguer de dívidas financeiras e da depressão.

O papel do curso de corte e costura é auxiliar para que esse processo aconteça. Como ressalta Reck (2005):

Entendemos que a educação não se consegue com a pura transmissão de conhecimentos, pois ela não é um mero ato de transformação instantânea, mas constitui-se num processo mais ou menos longo de iluminação-nascimento, de despertar de consciência, de soltar as forças internas do homem para dar impulso à alma pequena, para que se encontre a si mesma. (RECK, 2005. p 37).

Muitas vezes, a escola e os espaços familiares são como uma fábrica que produzem continuamente opressões e violências. No entanto, compreendo que um projeto de educação deve ser libertador e inovador, pensando numa nova estrutura de sociedade, numa educação autônoma, com aulas participativas, para dar um sentido à vida que temos e que queremos.

Concluí que as artesãs, além do aprendizado adquirido no curso de corte e costura, transmitem conhecimento de geração em geração na expectativa de gerar qualidade de vida. As costureiras e os alinhavos estão entrelaçados no cotidiano; não há como separar a costura, o trabalho e a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDACES. **A história da costura e sua evolução ao longo do tempo**, 2023.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 247p.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e Misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FUCHS, Cláudia; SCHWENGBER, Ivan Luís e SCHÜTZ, Jenerton Arlan. **Educação em debate: cercanias da pesquisa** [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2018. 495 p.; il.; color.; 16 x 23 cm. ISBN 978-85-7843-800-5.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
Disponível em:

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

KELLER, Paulo Fernandes. **Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios**. Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, v. 14, n. 1, p. 29-40, 2011.

MARTINS, Junior Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 7. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio da Pesquisa Social**. In: DESLANDES, Suely F. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 25. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-30.

RECK, Jair. **Por uma Educação Libertadora: o ideário político-pedagógico do educador cubano José Martí**. Cuiabá: EdUFMT, 2005.

A PEDAGOGIA DA LUTA PELA TERRA: o movimento social como princípio educativo- Roseli Caldart”

[SciELO - Brasil - RIBEIRO, Djamila. <i>O que é lugar de fala?</i>. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. \(Feminismos Plurais\) RIBEIRO, Djamila. <i>O que é lugar de fala?</i>. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. \(Feminismos Plurais\) <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/9963/1/texto%20completo.pdf>](#)

ANEXOS

Costureiras



Máquinas de costura



Pecas

